



GUIBERT, Emmanuel. *O fotógrafo: vol. 3*/ Guibert, Lefèvre, Lemercier; [tradução Dorothée de Bruchárd]. São Paulo: Conrad, 2010. 109p.

O fotógrafo: fotojornalismo, quadrinhos e relato memorial

The photographer: photojournalism, comics and memorial reporting

Daniel de Oliveira Figueiredo*

Regina Krauss**

O fotojornalista Didier Lefèvre esteve na Colômbia, Serra Leoa, China, Albânia, Macedônia, Afeganistão, Israel, Irã, Kosovo, Sri Lanka, Etiópia, Somália, Eritréia e Djibouti, Camboja e Malawi. Em muitas de suas viagens, acompanhou missões da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF). Fotografou o avanço da AIDS na África, trabalhadores da região do Paquistão e Uzbesquistão, toureiros, bombeiros, jardineiros, corredores descalços da Etiópia e os habitantes da província francesa de Bouganville, na Nova Guiné. O marco de sua produção como fotógrafo foi, porém, a série de três volumes intitulada *O fotógrafo* (Editora Conrad, 2011).

A proposta – uma composição com fotografias em preto e branco de Lefèvre, quadrinhos assinados por Emmanuel Guibert e diagramação e colorização de Frédéric Lemerrier – relata as experiências de Lefèvre no Afeganistão e Paquistão, atuando junto ao MSF. Nas oito vezes em que esteve no Afeganistão, o fotógrafo retratou diversos momentos históricos, dentre eles, a luta dos guerrilheiros mujahedin (que mais tarde instalariam o Talibã no poder) contra a invasão soviética em 1986, o fim da ocupação da URSS em 1989 e o domínio de Cabul pelo regime Talibã em 1996.

Tudo que Lefèvre viu e fotografou nos dez anos em que viajou para a região precisou esperar até 2003 para ser transformado em uma

* Graduado em Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrando em Comunicação pela mesma instituição, onde atua como professor auxiliar.

** Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Comunicação pela mesma instituição, onde atua como professora auxiliar.

publicação que mescla fotojornalismo com memória visual. Sem apelar para estereótipos ou para a romantização que caracteriza os relatos documentais sobre o Oriente, o autor mostra como a guerra, a ocupação soviética que durou mais de 10 anos, a pobreza e a falta de acesso aos serviços básicos de saúde e educação afetou um país onde a morte crua, contada a partir do relato de um andarilho como ele, não ganha nenhum contorno de *glamour*, tal qual acontece quando se lê as histórias contadas por parte dos vencedores ou de observadores externos. Em *O fotógrafo* não existe teorização, preocupação antropológica ou julgamento. Até com alguma ingenuidade, Lefèvre mostra episódios onde a interferência é impossível, como no em que o narrador encontra uma menina e seu irmão menor que sangram sob o olhar atônito da mãe. Ambos morreram cerca de seis meses depois de choque séptico. Para compor a página, Lemercier utiliza fotografias da menina, ilustrações da silhueta de Lefèvre curvado em um canto e um quadro em preto apenas com a expressão dos gritos de dor das crianças.

No terceiro volume da série, lançado em 2011, Levèvre tenta fazer a travessia da fronteira paquistanesa depois de passar três meses acompanhando uma missão do MSF no Afeganistão. Ao tentar cruzar a fronteira sem a ajuda de seus colegas médicos, o fotógrafo é extorquido tanto por policiais quanto pela tribo que deveria ajudá-lo a atravessar as montanhas cobertas de neve. Quase sem dinheiro, sem conseguir andar ou arrastar o cavalo que conduzia sua bagagem, Lefèvre, no momento mais dramático da viagem, faz apenas uma fotografia de seu cavalo e outra da paisagem deserta e se deita esperando a morte. Nos quadrinhos, a descrição de seu único pensamento: “Para que saibam onde foi que morri.” Porém, foi encontrado com vida por uma caravana que o extorquiou para auxiliá-lo na travessia ilegal da fronteira.

Sobre os aspectos formais, *O fotógrafo* apresenta um formato inovador, pois, ainda que esteja filiado às experiências jornalísticas em quadrinhos, é pioneiro na união de duas modalidades visuais na intenção de reportagem. Além de intercalar ilustrações e fotografias, os autores optaram por publicar também os contatos de negativos, que geralmente

são utilizados no processo de edição das imagens e posterior ampliação. No livro, a presença dos filmes tal qual no original colabora com a sequencialidade da história e potencializa a ideia de narrativa contada em quadros.

Esse recurso visual acentua a perspectiva da narração que, ao mesclar as linguagens fotográfica e de quadrinhos, permite, em uma primeira leitura, uma linha poética coerente entre as fotografias, posto que os desenhos carregam em sua natureza a liberdade de criação em relação ao tempo e espaço do registro em película. Preencher os espaços entre as imagens produzidas durante a viagem com uma narração sequencial de desenhos é, ao mesmo tempo, substituir o esforço imaginativo de ligação entre duas imagens, na tentativa de constituir, a partir de instantes, um contexto explicativo.

A obra *O fotógrafo*, mais do que apenas reunir duas linguagens distintas ao narrar uma história, ressignifica a utilização da linguagem dos quadrinhos, assim como fez Joe Sacco (com a obra *Palestina*, por exemplo), reservando a elas o espaço jornalístico de reportagem política e cultural. Marcado pela subjetividade visual, o livro, interpelado pelas fotografias de Lefèvre, apresenta situações vivenciadas que deflagram posturas culturais, costumes religiosos e decisões políticas particulares do mundo oriental e que se transformam, na publicação, em testemunhos.

Especificamente sobre as linguagens, a estética dos quadrinhos, geralmente caracterizada pela liberdade no processo criativo e, por isso, pelo abuso de cores e movimentos, aqui é tratada como uma representação iconográfica da fotografia, tentando recriar os mecanismos da câmera e das lentes no traço. É notável a composição dos quadros desenhados e sua similaridade com o estilo particular da composição fotográfica, o que permite inferir certa influência dos registros da viagem na elaboração do livro. Outro exemplo consistente é o contra-luz (efeito da fotografia que cria silhuetas), recurso utilizado para contar os fatos que marcaram a noite que o protagonista ficou perdido nas montanhas. Aí transparece a vontade contida do autor de

ter fotografado todos aqueles momentos, e ser capaz, anos mais tarde, de criar um livro contando essa história apenas com fotografias.

Apesar dessa influência nítida, os quadrinhos criam a liberdade do colorido livre, espontâneo, sem qualquer amarra com a realidade. Esta escolha é talvez a que mais transmite ao leitor as impressões sobre o ambiente e demarque a subjetividade no processo criativo da narração sequencial por imagens, pois a paleta de cores remonta certa compreensão sobre o Afeganistão e sua geografia montanhosa. A reprodução de efeitos de sombra demonstra, nos quadrinhos, preocupação com a representação fotográfica.

Aceita-se, teoricamente, nas histórias em quadrinhos, que o “entre-quadros” é o elemento da linguagem que produz a sensação de seqüencialidade ou o efeito de narração. Dessa forma, os quadros propriamente ditos, são apenas as bases para a história. No caso de *O fotógrafo* existe a relação dialógica entre a fotografia e os quadrinhos, na medida em que as imagens fotográficas podem ser o entre-quadros dos desenhos e o contrário também se evidencia. A reprodução das películas fotográficas permite compreender que, entre um fotograma e outro, é preciso que seja contada uma história.

O trabalho de Lefèvre, Guibert e Lemercier, ao reunir duas linguagens de maneira pouco usual, apresenta um testemunho a respeito do passado recente do Afeganistão, país que recebeu atenção internacional nos últimos anos, mas permanece refém de impressões fragmentadas e herdeiro do peso da euforia midiática relacionada ao atentado de 11 de Setembro de 2001.